

## PODE A HISTÓRIA LITERÁRIA DO PARANÁ SER DIVIDIDA EM PEDAÇOS?

Marco Aurélio de Souza (UFPR)

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é compreender de que modo as poucas tentativas de história literária do Paraná já publicadas recortam seus períodos e ordenam o passado que lhe serve de conteúdo. Nesta avaliação, acreditamos ser possível verificar se estas histórias efetivamente nos permitem pensar a literatura paranaense enquanto problema historiográfico, ou seja, para além de um aglomerado de fontes e autores cronologicamente organizados. Para isso, utilizamos a discussão de Jacques Le Goff (2015) acerca da noção de periodização na historiografia, para em seguida analisarmos um conjunto de quatro textos panorâmicos relativos ao desenvolvimento da literatura no Paraná, cada qual oriundo de um recorte temporal distinto: os livros *Paraná Mental* (1912), de Mariana Coelho, e *Introdução à Literatura Paranaense* (1988), de Marilda Samways, além dos ensaios introdutórios que constam nas antologias *Letras Paranaenses* (1970) e *48 Contos Paranaenses* (2014), assinados, respectivamente, pelos autores Andrade Muricy e Luiz Ruffato. O trabalho comparativo e de análise histórica destaca as diferentes concepções de história, literatura e, mais do que isso, o entendimento do que seria a literatura paranaense neste contexto de narrativas sobre o passado literário do estado, uma vez que a própria concepção do vínculo entre o texto literário e o seu lugar de origem se transformou ao longo do tempo, gerando ruídos teóricos nas visões contemporâneas do fenômeno.

**Palavras-chave:** Periodização. História literária. Literatura paranaense.

Nas entrelinhas de toda e qualquer narrativa que se debruça sobre eventos do passado buscando ordenar a passagem do tempo, mais ou menos escondida sob o ímpeto de contar uma história repousa alguma sorte de periodização. Uma certa divisão da história em pedaços que, na diversidade possível dos relatos, devem exprimir uma noção ou conceito mais geral sobre o recorte temporal estabelecido, indicando um sentido ou uma filosofia da história pairando sobre a escrita do historiador.

Tão importante quanto negligenciada, a reflexão em torno da periodização nos chama a atenção para as razões que habitam por trás de um recorte temporal que é,

necessariamente, arbitrário por princípio. Em um ensaio publicado recentemente, Jacques Le Goff dá ênfase à questão, afirmando o caráter parcial das divisões ou, nas suas palavras, que a periodização “indica uma ação humana sobre o tempo e sublinha que seu recorte não é neutro” (LE GOFF, 2015, p. 12). Discutindo os períodos da Idade Média e do Renascimento, o historiador francês põe em relevo o caráter indeterminado das periodizações, posto que estas são sempre um objeto de disputa, um termo em negociação (LE GOFF, 2015, p. 12).

Ramificação um tanto quanto desgarrada ou bastarda da historiografia, tensionada pelos flancos históricos e literários do conhecimento acadêmico, a história literária compartilha dos mesmos problemas e das mesmas questões acerca do ato reflexivo de periodizar o passado. Mais do que isso, à história literária, parece que os pressupostos da periodização nos deixam ver fragilidades teóricas ainda maiores e mais difíceis de resolver, dado que seu objeto é, ele mesmo, alvo de alguma imprecisão conceitual, por vezes mal resolvida.

De fato, nem sempre a literatura, objeto de estudo da história literária, é entendida do mesmo modo por pensadores diversos, contemporâneos inclusive, imbuídos de referenciais divergentes e de perspectivas mais ou menos distanciadas umas das outras. As dificuldades conceituais, teóricas e metodológicas, contudo, não devem representar um impedimento para a história literária, mas sim um estímulo ao seu aprimoramento. Parte da “crise” que o campo vive contemporaneamente é derivada justamente da atitude resignada que muitos autores adotam frente ao conjunto de fragilidades identificadas nas narrativas tradicionais da história literária. Não obstante, a discussão em torno dos problemas da história literária tradicional e do desgaste deste modelo já datam, no Brasil, de pelo menos mais de meio século. Assim, a tal declínio da forma, um crítico como Afrânio Coutinho já se referia em idos de 1960, alegando perceber nos seus pares um desejo de negação da periodização e, com isso, da própria história literária pensada enquanto algo mais do que uma antologia de obras e autores canônicos (COUTINHO, 1981, p. 18).

Como se vê, o modo pelo qual um historiador apreende o conceito de literatura será decisivo nas escolhas que, elaborando uma narrativa histórica, irá realizar. Conseqüentemente, sua periodização deverá revelar nuances do conceito, quando este não for explícito ou declarado. Partindo destas premissas, analisaremos a seguir um conjunto de quatro textos panorâmicos relativos ao desenvolvimento da literatura no Paraná, perscrutando o modo como o fenômeno literário no Paraná vem sendo tratado

pelo olhar histórico – seja ele de ofício ou diletante – através dos tempos. Pela escassez de registros desta natureza (poucos são os autores que se aventuraram a narrar uma história literária do estado), o conjunto de fontes constitui um panorama significativo do que já se produziu em relação à literatura do Paraná vista como um todo coerente, sistemático ou contínuo. Passemos, portanto, à pioneira tentativa de história literária da região: o “Paraná Mental” (2002), de Mariana Coelho.

### **O *Paraná mental* pelo olhar de uma leitora lusitana**

Publicado em 1908, o ensaio “Paraná Mental”, de Mariana Coelho, tinha por pretensão declarada oferecer ao público um olhar minucioso e ao mesmo tempo panorâmico acerca da vida intelectual do Paraná e seu desenvolvimento histórico, partindo de idos do século XIX até chegar ao cenário contemporâneo da autora. Ainda que tenha como foco a vida intelectual como um todo – abrindo espaço para a menção de artistas plásticos, músicos e até cientistas, por exemplo –, é notória a primazia concedida aos literatos e às obras literárias, dado que justifica sua tomada, neste trabalho, enquanto uma obra assemelhada a uma história literária.

Afora sua introdução, o livro é dividido em quatro partes, sendo a primeira e mais longa voltada exclusivamente para a literatura paranaense. Os demais capítulos, de extensão acanhada, tratam, respectivamente, do teatro, das belas artes (música e pintura) e, por fim, da Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná. Concentraremos nossa atenção, portanto, na introdução e no primeiro capítulo, referindo-nos aos demais apenas em caso de apresentarem dado relevante acerca da visão da autora a respeito da literatura ou da vida intelectual do Paraná.

Chama-nos atenção, primeiramente, seu modo de organização. Cabe registrar que o panorama elaborado pela autora responde a critérios demasiadamente subjetivos, a ponto de parecer um tanto nebuloso ao leitor, pela falta de método e maiores explicações. Logo na introdução da obra, Coelho ressalta sua posição inventariante, desprovida de qualquer pretensão valorativa – ainda que, na prática, sua valoração, embora pautada unicamente por questões de gosto pessoal, apareça de algum modo – e/ou de um juízo crítico que governe a escolha dos autores que compõem a sua exposição (COELHO, 2002, p. 23). A narrativa histórica de Mariana Coelho, deste modo, não é orientada por princípios valorativos, nem mesmo eventuais diferenças estéticas ou de estilo. Tampouco a autora nos alerta para os critérios que colocariam tal ou qual autor na qualidade de

*paranaenses*. Uma vez que na apresentação dos autores os dados indicados podem variar imensamente, ficamos sem saber o que faz de um autor um *autor paranaense* para Mariana Coelho. A imprecisão, no fim, dá o tom das apresentações: se em alguns casos a historiadora de ocasião traz ao texto lugar de nascimento e residência do escritor mencionado, noutros casos, nem uma coisa, nem outra. Ao que tudo indica, porém, todo e qualquer autor nascido ou residente no estado do Paraná poderia ter seu lugar nesta história, à revelia de sua participação na vida intelectual local.

Em sua apresentação de autores e obras, deparamo-nos com uma única divisão interna que, por incipiente que seja, funciona ao modo de uma periodização. O texto é dividido em dois grandes blocos de autores: os da “velha” e da “nova” geração. A ausência quase que completa de balizas temporais relacionadas às biografias dos autores nos faz beirar a mera especulação quanto ao que define, para Mariana Coelho, as duas gerações diversas apresentadas pelo seu texto, restando-nos o óbvio: de alguma forma, os velhos surgiram antes dos novos – definição que deixa em aberto a informação que realmente interessa à divisão, qual seja, o sabermos se a velha geração nasceu, escreveu ou publicou antes da nova geração e, mais importante, quando a velha geração acaba ou dá lugar à nova geração, bem como os motivos desta passagem.

### **Saudosismo, literatura e evocação**

No preâmbulo da antologia “Letras paranaenses”, publicada em 1970, deparamo-nos com o relato sentimental acerca da trajetória literária do Paraná realizado por Andrade Muricy, escritor à época radicado no Rio de Janeiro. A introdução se abre com um extenso parágrafo de tonalidade saudosista. Feitas as primeiras considerações, Andrade Muricy parte para a narrativa histórica do desenvolvimento literário no estado do Paraná, trazendo para o texto, enfim, contextos, obras e autores tidos como relevantes para a compreensão da realidade artística local de um ponto de vista que alterna entre o histórico e o estético. Seguindo os passos de Mariana Coelho, Andrade Muricy lista, assim, autores e obras que compõem um painel cultural mais amplo, antes mesmo de se debruçar sobre a literatura local e as suas histórias. Daí por diante, seu interesse se fixa no fenômeno efetivamente literário. Embora o texto de Muricy, na qualidade de introdução, não comporte uma periodização muito clara, tampouco uma divisão interna que organize as ideias apresentadas, é possível verificar em sua exposição pelo menos 4 momentos distintos de produção literária no Paraná.

O primeiro, que diz respeito às manifestações esparsas do século XIX, recebe tratamento em nada mais que um único parágrafo, o qual, sem deixar de pontuar os casos em que o material citado foge do âmbito propriamente literário ou quando a obra possui relevância mais histórica do que estética, abrange desde os primeiros cronistas oficiais do estado, como Rafael Pires Pardini e Antônio Vieira dos Santos, até autoras de cunho efetivamente literário, como Júlia da Costa e as primeiras produções de Rocha Pombo. O segundo momento compreende a eclosão do simbolismo entre os paranaenses, momento que será tingido pelas cores de uma grandeza paranista, pois, para Andrade Muricy, seu estado natal foi berço e origem do maior número de escritores ligados ao simbolismo no Brasil. Tal efervescência inseriu o nome do Paraná, ainda para o autor, num novo patamar relacionado à literatura, com reconhecimento nacional e até internacional, dado que pode ser relativizado e questionado à luz da intenção elogiosa do texto em questão.

Não obstante sua importância para o Paraná, o período simbolista, contudo, é visto por Andrade Muricy como momento de transição nas letras brasileiras e, por contiguidade, paranaenses. Posto que não se consolidou no Paraná um expressivo movimento literário de cunho modernista nas décadas de 20 e 30, Muricy recorre à participação de escritores paranaenses na criação e condução da revista “Festa” (1927-1935), no Rio de Janeiro, destacando-se a colaboração de Tasso da Silveira e, inclusive, a do próprio Muricy. Na esteira do dado, a narrativa segue enumerando literatos e obras que, de algum modo, flertaram com o modernismo no Paraná, encaminhando, adiante, um panorama específico sobre a produção de contos que desemboca na presença de Dalton Trevisan, “figura culminante do conto paranaense de todos os tempos” (MURICY, 1970, p. 14).

É curioso perceber, no entanto, que a despeito da apresentação grandiosa de Dalton Trevisan, com ênfase em sua importância para a literatura não apenas paranaense, mas sobretudo brasileira, a pequena história literária de Andrade Muricy sequer menciona a revista *Joaquim*, idealizada e editada pelo contista curitibano na década de 1940, assim como não cita qualquer obra do “vampiro de Curitiba”, restringindo-se ao reconhecimento de sua importância para as letras do Paraná.

Por fim, o texto realiza uma breve menção aos novos escritores do estado, que já conquistavam algum tipo de destaque local ou nacional no momento da publicação da antologia. Neste âmbito, Muricy economiza nas palavras. A introdução se encerra, por fim, no mesmo tom elegíaco com que se iniciou. Diferente do balanço realizado por Coelho, a introdução de “Letras Paranaenses” apresenta ao leitor um olhar mais aguçado

sobre as características estéticas das obras e dos autores relacionados, pontuando aqui e ali, inclusive, alguns julgamentos de valor. A dimensão histórica e cronológica da narrativa é desenvolvida de modo mais eficiente, situando no tempo os fenômenos aos quais seu autor faz menção e criando contexto ao dado, quando necessário. Por tudo isso, a periodização da literatura paranaense apresentada por Andrade Muricy adquire uma consistência que, na obra de Mariana Coelho, não conseguimos encontrar.

No que se refere à questão regional, entretanto, o texto de Muricy parece se utilizar do mesmo critério da lusitana, inserindo os nomes que, porventura, tivessem qualquer ligação com o estado do Paraná, seja ela de nascimento ou residência, na atualidade ou nalgum tempo passado. Isto explica, por exemplo, a exposição de Muricy acerca do modernismo no Paraná que, para ele, tem como seu maior feito uma agremiação de escritores em revista... do Rio de Janeiro.

### **Ode ao contista de Curitiba, ou: uma introdução em formato acadêmico**

Se Andrade Muricy sequer menciona a revista *Joaquim* em seu pequeno ensaio histórico, a obra que analisaremos a seguir, ao contrário, elenca tal momento literário como o grande divisor de águas da literatura no Paraná, comprando, de algum modo, a própria ideia iconoclasta veiculada por seu editor e mentor, Dalton Trevisan. Publicada em 1988, a “Introdução à literatura paranaense”, de Marilda Samways possui efetivamente um interesse primordial e declarado pela literatura do Paraná, focando sua história unicamente na arte literária, flertando com outras manifestações artísticas apenas na medida em que estas auxiliem no processo de contextualização do momento cultural que passava o país e o estado, aqui e ali. Vê-se, portanto, que enfim a literatura paranaense recebia uma história (ou “introdução histórica”), por mais frágeis que fossem as bases teóricas e metodológicas do trabalho da autora.

Logo na abertura de sua obra, Samways deixa transparecer seu verdadeiro ponto de atração: sua introdução à literatura paranaense é, sob muitos aspectos, uma ode ao trabalho realizado na revista *Joaquim* por Dalton Trevisan, vista como o centro da história literária do estado e o acontecimento definidor de sua periodização histórica. Daí que, numa visão de conjunto de seu livro, encontremos volume muito maior dedicado à revista de Trevisan do que a todo o resto da história literária do Paraná. Isto se verifica, a rigor, desde a abertura da obra, posto que sua introdução, depois de lamentar o suposto processo de aculturação vivido pela juventude paranaense – conservadorismo bastante

extravagante aos olhos de nosso país hoje globalizado –, segue quase até o fim discorrendo sobre o valor da revista de Dalton.

Denominando os diferentes períodos da história literária do Paraná de “fases”, Samways indica seis diferentes momentos da literatura paranaense no tempo a serem analisados por sua obra. São eles: 1) os precursores e pioneiros (1853-1895); 2) naturalistas, parnasianos e simbolistas (1895-1922); 3) modernistas, futuristas e os novos (1922-1939); 4) a obra de Rodrigo Júnior (1939-1945); 5) o advento de Joaquim (1945-1948) e; 6) os moderníssimos (1949 em diante) (SAMWAYS, 1988, p. 12). Observe-se, portanto, que o recorte temporal da autora abarca mais de um século, indo de 1853 até a data da publicação da obra, 1988. A divisão em seis grandes períodos, no entanto, escamoteia a importância definitivamente assimétrica que um dos períodos em questão, a quinta fase, “advento de Joaquim”, recebe dentro do trabalho. Desproporcionalidade que, aliás, pode ser vista por meios quantitativos e qualitativos dentro da obra, uma vez que o número de páginas dedicado à fase de *Joaquim* é maior do que o despendido para analisar as quatro primeiras fases inteiras. Antes mesmo de focarmos o trabalho de análise da autora, portanto, é possível perceber o caráter fundador da revista de Dalton na visão elegíaca de Samways.

Tal avaliação se confirma na leitura da narrativa da autora. Se sua abordagem é predominantemente memorialística ao longo de todo o livro, posto que seu interesse maior reside na divulgação dos nomes, não na avaliação das obras, é ao tratar de Dalton que o acento elogioso extrapola os limites da simples admiração e passa para o plano do culto à personalidade. No capítulo dedicado à “Joaquim”, Samways dá início ao trabalho de aproximação da revista indicando, número a número, as contribuições de Dalton nas publicações. Nesta amostra, a autora não se furta a realizar considerações tais como a de que Dalton foi “menino-prodígio (...), sempre o madrugador na ‘Catacumba’, seu quarto de dormir, de refletir. Sempre acreditou no que fez e quase nunca errou” (SAMWAYS, 1988, p. 85).

A passagem é ilustrativa não apenas do papel atribuído a Trevisan dentro da história escrita pela autora como, sobretudo, do teor quase mitológico da construção da imagem do contista, este “madrugador (...) [que] quase nunca errou”. O aspecto heroico da figura de Dalton é montado, ainda, por meio da vinculação do homem ao destino, feito Trevisan estivesse predestinado ao sucesso literário desde o berço, já que, diante da sua importância para a literatura paranaense, Samways afirma que, pelo esforço e o gênio do “vampiro”, as coisas não poderiam ter se dado de outra maneira que não essa.

Por fim, podemos medir a extensão da importância atribuída a Dalton e à revista “Joaquim” por Marilda Samways na medida em que, ao falar dos novos autores, os seus contemporâneos, batizados em sua obra de “moderníssimos”, a autora retorna aos “moços da Joaquim” para reafirmar sua importância seminal, já que a geração seguinte de escritores do Paraná é colocada como consequência da revista, que continua sendo evocada a todo instante no capítulo que encerra a história narrada, embora a autora não nos aponte em momento algum, concretamente, a influência de Joaquim nos textos dos “moderníssimos” ou seu ponto de contato mais diretamente perceptível. O livro de Marilda tem como desfecho, deste modo, uma breve antologia de textos literários que busca dar a conhecer ao leitor alguns dos nomes mencionados na seção dedicada aos contemporâneos. E o que fica ao seu leitor, não obstante, é o eco do nome Dalton Trevisan que, de sua “catacumba”, parece ter aberto, aos olhos de Samways, o mar da literatura do Paraná ao meio, abrindo um caminho por onde os mais jovens puderam caminhar.

### **Algumas linhas de Luiz Ruffato**

Num primeiro momento, a introdução de Luiz Ruffato para a antologia de contos paranaenses publicada em 2014 pela Biblioteca Pública do Paraná desperta nosso interesse pelo desejo de atualização teórica, uma vez que o autor considera relevante dedicar suas primeiras linhas ao problema do vínculo entre literatura e país ou região, demonstrando uma problematização do objeto que parece ausente em qualquer outro dos trabalhos anteriormente analisados. O que muda, também, é o tom da escrita, mais ponderada, menos elegíaca, menos regida pelos sentimentos topofílicos, o que, talvez, possa ser lido à luz da origem do autor, haja visto que Ruffato é mineiro.

O aspecto memorialístico, presente nas demais histórias, é relativizado na narrativa do escritor que, sem se aprofundar nas questões de ordem teórica e metodológica, inicia seu panorama citando uma divergência de Wilson Martins em relação a Marilda Samways a respeito de quem seria o pioneiro da literatura paranaense (RUFFATO, 2014, p. 12), demonstrando um olhar mais atento aos problemas que permeiam o conceito de literatura paranaense e seu uso.

Daí que o critério de escolha e análise de autores e contextos literários, no artigo de Ruffato, parece ser mais claro no que se refere ao “ser do Paraná”. Mesmo que não explicitado, o escritor deixa ver nas entrelinhas que seu foco reside na literatura enquanto fenômeno social e na vida literária produzida no Paraná, não direcionando sua análise

para toda e qualquer expressão advinda de autor nascido no estado, a exemplo do que os autores vistos anteriormente fizeram. A escolha transparece ao leitor no momento em que Ruffato, citando a participação dos paranaenses na revista “Festa”, do Rio de Janeiro, realiza suas considerações sobre o período que sucede a febre simbolista, afirmando que as “ideias novas passaram ao largo do Paraná” (RUFFATO, 2014, p. 13).

A periodização de Ruffato, assim, obedece ao critério da vida literária efetivamente ligada ao Paraná, indicando apenas marginalmente os feitos de autores nascidos no estado, porém radicados noutras regiões e inseridos em vida literária de outras regiões. Justamente por buscar o vínculo do literário com a sociedade, analisando o contexto de produção dos autores paranaenses ao longo da história, Ruffato constrói sua divisão da literatura paranaense em períodos históricos quase sempre a partir de fenômeno literário coletivo, que dê vida e impulse a criatividade dos escritores locais. Esse o caso das revistas e jornais que, agremiando personalidades, trabalha no sentido de fazer borbulhar momentos de produção mais intensa. E mesmo que o escritor mineiro não desconsidere a importância de “Joaquim” para as letras paranaenses, a revista não é vista ou entendida como um caso isolado.

Assim, podemos demarcar a periodização implícita no texto de Ruffato da seguinte maneira: 1) os primórdios parnasianos e simbolistas, ancorados em periódicos como o “Cenáculo”, entre outros; 2) a virada modernista da “Joaquim” e de Dalton Trevisan; 3) a geração mimeógrafo e a literatura marginal dos anos 70, impulsionadas pela Editora Cooperativa de Escritores; 4) a geração do jornal “Nicolau”, nos anos de 1980 e, por fim; 5) a efervescência contemporânea da literatura paranaense, com a proliferação de pequenas editoras e novos periódicos, como o “Rascunho” e o “Cândido”.

O tratamento de Ruffato, portanto, para além de nos remeter ao conceito de literatura enquanto sistema, tal qual definido por Antônio Cândido (2014), nos leva a refletir sobre os motivos pelos quais tão pouco se escreveu, até hoje, acerca da literatura paranaense vista enquanto conjunto, como organismo literário. É justamente a este respeito que destinamos ainda algumas considerações finais.

### **Considerações finais, ou: existe a *literatura paranaense*?**

Neste trabalho, vimos como as histórias literárias do Paraná fraquejam na delimitação conceitual e na argumentação teórica explícita ou implícita, o que corrobora o estado de coisas encontrado: se, por um lado, a literatura é entendida enquanto

manifestação estética verbal mais ou menos autônoma, descolada de sua experiência social mais imediata (é o caso das perspectivas de Coelho, Muricy e Samways), por outro, o ser paranaense é apenas contingência geográfica que, de modo arbitrário, atinge não apenas quem nasceu no estado, como também aqueles que viveram ou passaram por aqui. Dentro desta ótica, a história literária possível do Paraná é um amontoado de fatos literários que, com efeito, não parecem estabelecer qualquernexo ou sentido efetivamente historiográfico, como aquilo que apresenta possibilidade de leituras e problemas relativos ao passado. As histórias de Mariana Coelho e Andrade Muricy, deste modo, podem ser classificadas como inventariantes, ou seja, resgatam o acontecimento, ignorando o processo de interpretação do dado.

A história literária de Marilda Samways, por sua vez, ainda que bastante próxima das anteriores, esforça-se por trazer um elemento novo ao debate. Inserindo o “advento da Joaquim” no centro de sua periodização, Samways, talvez involuntariamente, quebra o ciclo da história meramente factual para entender a literatura paranaense em um movimento de acerto dos ponteiros com a literatura brasileira. O antes e depois de sua narrativa parece estar ligado, assim, a um primeiro momento de relativa alienação e a um segundo momento de atualização. O caminho para tal conclusão, contudo, é que se mostra problemático. Desprovida de um método eficiente ou de uma fundamentação teórica que norteie claramente sua análise, Samways parece tão somente ter comprado e festejado a própria versão da história criada por Dalton Trevisan, que extrapola seu papel de fonte para se tornar, neste caso, coautor da narrativa.

É com o texto de Luiz Ruffato, porém, que a rigor passamos de uma visão do literário enquanto obra individual para uma ideia de vida literária, de literatura enquanto fenômeno social. Tal concepção do literário, próxima do pensamento de Antônio Cândido (2014), oferece-nos um outro modo de se pensar a história literária de uma região específica do país, efetivamente vinculada a uma literatura nacional que a circunscreve e a engloba. Há um elemento que orienta a conceituação de literatura na obra de Cândido, contudo, que parece ter sido ignorado e que, para fins da discussão sobre periodização, torna-se fundamental: a ideia de continuidade. A este respeito, reporto-me ao artigo de Fernando Cerisara Gil, “Notas sobre as Aporias da Literatura no Paraná (ou o porquê de a literatura do Paraná não ter a sua história)” (2009).

Trabalhando com a noção de sistema literário encontrada na obra de Antônio Cândido, o autor aponta para o modo como, na produção que se inicia com a geração simbolista do início do século XX, passa pela revista *Joaquim*, na década de 1940, e chega

até os autores influenciados pela contracultura, nos anos de 1970/80, os principais nomes da literatura do Paraná estiveram preocupados com o diálogo direto com uma arte compreendida enquanto universal, desejando, sobretudo, uma identificação com o contemporâneo, como se a expressão literária destes novos autores “estivesse por aqui desde sempre” (GIL, 2009, p. 145), tornando desnecessária a tentativa de diálogo com o próprio passado. Desta maneira, à questão da existência da história da literatura do Paraná, o autor responde com uma negativa. Sua fundamentação para tanto, como visto, reside na forma de conceituar a literatura. Enquanto sistema literário, para Gil, a literatura do Paraná não existiu, pelo menos, até idos de 1970/80, período que finda sua análise aqui mencionada. Conseqüentemente, a história da literatura no Paraná parece escapar pelos dedos do historiador que se propõe a escrevê-la.

Como se vê, isto pode explicar a dificuldade em encontrarmos obras e discursos que construam, no que se refere à literatura paranaense, uma representação de longa duração. Conseqüentemente, a literatura paranaense acaba por inexistir em um plano teórico consistente, passando a figurar apenas como expressão de senso comum. Não estaria, entretanto, já superada pelo meio literário contemporâneo do Paraná esta falta de continuidade? Eis aí um problema digno de nota e que carece de alguma reavaliação.

A possibilidade de periodização é condição primeira do trabalho historiográfico. A pergunta “pode a história literária do Paraná ser dividida em pedaços?”, por conseguinte, é complementar à indagação mais ampla, acerca da própria existência desta literatura. Pensá-la como sistema requer a formulação de períodos, de sentidos próprios que sustentem o argumento da sua existência. A ideia de continuidade e sua reavaliação, portanto, quem sabe indiquem um caminho para repensarmos a vida literária do Paraná sob as vestes de uma periodização nova, que dê conta de um velho e central problema deste debate: o questionamento acerca da própria existência do objeto. O desejo deste autor, neste sentido, é o de que este breve passeio pela historiografia literária do Paraná resulte na retomada de uma conversa que, ameaçada pelo mofo, parece digna de novos ares – alguma sorte de ventilação que, o mais rápido possível, espante este cheiro intenso de bolor.

## **Referências**

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. Momentos decisivos 1750-1880. 15ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2014.

COUTINHO, Afrânio. **Conceito de literatura brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1981.

LE GOFF, Jacques. **A história deve ser dividida em pedaços?** Trad. Nícia Adan Bonatti. 1 ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2015.

COELHO, Mariana. **O Paraná mental**. 2. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

GIL, Fernando Cerisara. *Notas sobre as Aporias da Literatura no Paraná (ou o porquê de a literatura do Paraná não ter a sua história)*. Em: OLIVEIRA, Márcio de; SZWAKO, José (orgs.). **Ensaio de sociologia e história intelectual do Paraná**. Curitiba: Ed. UFPR, 2009.

RUFFATO, Luiz. *A literatura no Paraná: algumas linhas*. Em: **Antologia de contos paranaenses**. Secretaria de Estado da Cultura: Biblioteca Pública do Paraná, Curitiba, 2014.

SAMWAYS, Marilda Binder. **Introdução à literatura paranaense**. Curitiba: Livros HDV, 1988.

MURICY, Andrade. *Introdução*. Em: SOUSA, Colombo de; RAITANI NETO, Felício (orgs.). **Letras paranaenses**. Curitiba: Editora Ocyron Cunha, 1970.